

ALMEIDA, Railson Gomes. **Apontamentos para uma escrita-camaleão**. Natal: UFRN. PPGARC/UFRN; mestrando em artes cênicas; orientação de André Carrico. Bolsista Capes.

RESUMO

Essa pesquisa em questão caracteriza-se como componente de uma dissertação em construção que visa estudar escrita de dramaturgia contemporânea. Aqui, nos propomos a estabelecer relações entre o ato de escrever textos para a cena com o animal Camaleão, analisando dados sobre o réptil em duas frentes: a sua composição biológica, evidenciando características físicas e suas relações com o ecossistema em geral; e relações mitológicas e simbólicas em torno sua imagem, procurando inserir lendas e histórias orais de povos antigos. Após apresentar as convergências entre as premissas, indicamos uma metáfora intitulada *Escrita-Camaleão*, como meio de ilustrar tal relação entre escrever e o réptil.

Palavras-chaves: Dramaturgia contemporânea. Escrita-camaleão. Camaleão.

Presentations for a chameleon-writing

ABSTRACT

This research is characterized as a component of a dissertation under construction that aims to study contemporary dramaturgy writing. Here, we propose to establish relationships between the writing of texts for the scene with the animal Chameleon, analyzing data about the reptile on two fronts: it's biological composition, evidencing physical characteristics and it's relations with the ecosystem in general; and mythological and symbolic relations around his image, seeking to insert legends and oral histories of ancient people. After presenting the convergences between the premises, it's indicate a metaphor called Chameleon-Writing, as a means to illustrate such relationship between writing and the reptile.

Keywords: Contemporary dramaturgy. Chameleon-writing. Chameleon.

Introdução Afetiva

Uma memória, um atravessamento

Era dia 3 de novembro de 2017, quando junto com meus companheiros da turma de bacharelado em teatro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), apresentamos o espetáculo “Agreste (Malva-Rosa)”, a dramaturgia foi escrita em 2004 por Newton Moreno e a direção do espetáculo era de Everaldo Vasconcelos, professor do Departamento de Artes Cênicas da universidade;

junto comigo estavam em cena o ator João Fernandes e as atrizes Maria Bethânia e Fabíola Ataíde; além da contrarregragem de Jofran Di Carvalho.

A apresentação fez parte da VIII Jornada de Pesquisas em Artes Cênicas realizada na cidade João Pessoa – PB e ocorreu dentro da ruína do Teatro Lampião localizada ao fundo do Prédio do Departamento de Artes Cênicas no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) dentro da UFPB.

O espetáculo foi visto por um bom público e nossa adequação ao espaço foi maravilhosa, de forma que sentimos como se fosse uma das melhores apresentações que fizemos, embora fosse um local insalubre por se tratar de uma construção abandonada.

Findada a apresentação, lembro que recebi um comentário de Marília Velardi professora da Universidade de São Paulo (USP) que foi convidada para palestrar no evento. Ela disse algo muito simples, mas que me inquietou bastante: -Você parecia um **camaleão** em cena!

Aquele fora um comentário excêntrico, nunca havia sido comparado a esse ou qualquer animal e fiquei na vontade de ter conversado mais com ela sobre e entender suas razões, mas infelizmente não tive essa oportunidade até então.

Então fiz minha própria leitura: Como no espetáculo eu interpretava pelo menos quatro “personagens” / figuras, eu compreendi o comentário como um elogio no qual a professora estaria ressaltando meu desempenho de mudar de personagens em um curto espaço de tempo. Estabeleci então uma relação entre o animal Camaleão e minha capacidade, enquanto ator, de “trocar de pele”.

O comentário foi simples, porém atravessou-me de modo que passei a refletir sobre essa imagem: Um camaleão. Pensei, a priori, em sua capacidade de mudança de cor, ou seja, sua habilidade de se adequar a diferentes ambientes “colorais”, como se ele sempre **dialogasse** com todos espaços em que habita; e essa ideia de **diálogo** é que me põe a escrever nesse momento.

Uma função para o artista (de teatro)

Penso agora num questionamento primário, talvez ingênuo e pretencioso, mas que não deixa de ser uma pergunta: **Qual minha função enquanto artista?** Com ela se arrastam outras questões: **Para que serve a minha arte? Como minha arte consegue se fazer necessária?** Provavelmente essas sejam perguntas “polifônicas” que tem “poliorespostas” e provavelmente nenhuma delas jamais poderá ser respondida como verdade única e absoluta.

Porém, eu, Railson Almeida, vou procurar então responder meu modo, baseando-me em meus princípios e nas minhas verdades, mas sem ter a pretensão de oferecer uma resposta absoluta e válida para a eternidade. Trata-se apenas de uma resposta legítima e que atende a minhas demandas enquanto artista da cena **teatral** e artista pesquisador **de teatro**. Falar e grifar que venho do teatro é de fundamental importância, afinal, minha vivência com as demais linguagens artísticas é altamente incipiente, de modo que só consigo encontrar lugar de fala junto ao teatro, onde venho pesquisando e atuando desde 2011, quando ingressar no universo teatral de fato.

Então, sem mais delongas, se me for perguntado: qual minha função enquanto artista? Responderei prontamente: **DIALOGAR**; Para que serve a minha arte? **Serve para estabelecer DIÁLOGOS com os ouvintes**; Como minha arte consegue se fazer necessária? **Estabelecendo diálogos com qualquer pessoa que queria dialogar sobre qualquer assunto.**

Em outras palavras: Eu entendo que a minha razão de fazer teatro é sempre estabelecer diálogo com os ouvintes, seja por meio da leitura: leitor-escrevedor; ou por meio da cena: espectador-ator; e esse diálogo pode ocorrer de diferentes modos, mas ele precisa acontecer; sem essa relação o teatro vira um ato ensimesmado, uma ação só de ida, enfim, uma vivência incompleta.

O camaleão enquanto metáfora para o ato de dialogar

Voltando ao adjetivo do camaleão com o qual a Marília Velardi me presenteara. Eu entendi que se ela atribui a mim um sentido camaleonesco, de muitas múltiplas faces, depois de algum tempo com esse comentário na cabeça, eu reflito que de algum modo eu, enquanto ator, consegui estabelecer esse processo de adaptação e diálogo com o espaço e pelo menos com uma espectadora, a Marília Velardi.

Naquela altura, eu ainda não tinha sequer iniciado o processo seletivo do mestrado, ainda nem tinha defendido meu TCC, de modo que essa imagem do camaleão ficou na minha memória até ser resgatada mais tarde, em janeiro, quando já havia sido aprovado no mestrado e estava refletindo sobre meu projeto de estudar dramaturgia contemporânea. Não sei a razão, mas o camaleão veio a mente e percebi uma potencialidade que aquele animal poderia oferecer a minha pesquisa.

Ciente que o comentário da Marília havia sido feito em relação a minha atuação enquanto ator; pensei numa ideia de ampliar essa imagem para minha atuação enquanto pesquisador, no caso, pesquisador de dramaturgia. Então, me faço uma pergunta altamente pretenciosa e que talvez nem tenha resposta: **Como produzir uma escrita camaleão? Como produzir uma escrita para teatro que consiga dialogar com seus leitores?**

Ciente da impossibilidade de responder tais questionamentos, eu fico com eles na função de disparadores e finalmente chego ao cerne dessa escrita: **Propor uma metáfora da imagem do animal Camaleão enquanto imagem para a escrita de textos para a cena;** em outras palavras, de que modo a ideia do camaleão que consegue se adaptar aos diferentes espaços que passa, se faz reverberar no ato de escrever direcionado a cena seja do teatro, da dança, da performance, ou de demais artes híbridas e consegue estabelecer um processo semelhante da adaptação camaleonesca e consiga se fazer **dialogar** com o espaço e com o ouvinte.

Introdução formal

A escrita desse material pretende evidenciar as relações encontradas pela autoria da pesquisa entre a criação de uma obra textual para a cena com o animal Camaleão, propondo assim uma metáfora intitulada *Escrita-Camaleão*. Procurando considerar do réptil, suas características biológicas gerais, seu modo de vida; e algumas relações mitológicas e simbólicas em torno de sua imagem.

Afirmamos que não temos o objetivo de construir conhecimento científico acerca da zoologia, biologia ou quaisquer ciências da natureza que pesquisem o animal; pretendemos apenas estabelecer uma metáfora entre o ato de escrever para a cena com o Camaleão. A organização dessa pesquisa está dividida em dois grandes momentos: o primeiro é dividido entre uma breve apresentação e compilação de informações relativas ao aspecto biológico do animal e o universo simbólico-mitológico relacionado com a figura do camaleão.

O segundo momento pedimos uma licença poética para a construção da metáfora da Escrita-Camaleão. Ela será colocada em primeira pessoa, entendendo que são considerações de âmbito pessoal, baseado em algumas experiências do autor enquanto leitor, espectador e atuador da cena. De antemão, afirmamos que as colocações atribuídas nessa altura não pretendem se constituir como verdade absoluta, tratam-se de opiniões do autor em relação a escrita do texto para a cena contemporânea.

Antes de iniciar a argumentação, consideramos importantes que algumas convenções estabelecidas pela autoria sejam evidenciadas: quando falamos de escrita, não a colocamos de modo abstrato, tão pouco generalizado, falamos da escrita direcionada para a cena. Essa pesquisa considera a “cena” não apenas para teatro, mas alarga o entendimento dela para outras manifestações cênicas como a dança, a performance e demais formatações de artes que por ventura possam se apropriar ou utilizar de um texto escrito para criação artística; por fim, consideremos que a pessoa que escreve o texto será chamada de “escrevedor” ou “escrevedora”.

O camaleão: o que ele é?

Os camaleões pertencem à classe dos reptéis, portanto são vertebrados, são da família *Chamaeleonidae* e naturais de regiões africanas, asiáticas e europeias. O tamanho dele “varia entre os sessenta centímetros e um metro. [...] [Seu] corpo é levemente achatado lateralmente; e os olhos são saltados para fora, e movem-se de forma independente, permitindo um campo de visão de 360° [...] [Possuem língua] pegajosa e bastante ágil.” (ARAGUAIA, 2018).

O nicho ecológico natural desse animal são as copas das árvores, onde se alimentam de folhas, frutos, insetos e algumas aves pequenas. Costumam ser solitários, procurando aproximação nos períodos de acasalamento. Sua expectativa de vida é cerca de cinco anos. (ARAGUAIA, 2018).

Algumas espécies de camaleões possuem a habilidade especial de modificar a tonalidade de sua pele; “as cores que ele pode assumir variam muito, como tons de verde, rosa, azul, amarelo, vermelho, marrom e preto”, afirma a bióloga Maria Aparecida Visconti, da Universidade de São Paulo (USP).” (VASCONCELOS, 2018). Os motivos da mudança podem ser variados desde fatores externos como a luminosidade e temperatura do ambiente; até estratégias de defesa e ataque nas caças; podendo ter outras funções, como colocado pela bióloga Teresa Nunes no portal Ponto Biologia:

- Eles mostram suas cores em exibições de acasalamento.
- Os camaleões também usarão mudanças negativas em cores para se comunicar.
- Os machos tornam-se brilhantes para sinalizar o seu território e ficam escuros em encontros agressivos.
- As fêmeas podem deixar os machos saber se estão dispostas a acasalar mudando a cor da pele.
- Os camaleões mudam a cor também, principalmente, para regular suas temperaturas.
- Uma vez que os camaleões não podem gerar o próprio calor do corpo, mudar a cor da pele é uma maneira de manter uma temperatura corporal favorável.
- Um camaleão frio pode ficar escuro para absorver mais calor, enquanto um camaleão mais quente pode ficar pálido para refletir o calor do sol.

Essa mutação de tonalidade na pele é involuntária. “O cérebro do camaleão recebe a luz que incide na retina, compara essa luminosidade com a

luz refletida no ambiente e libera hormônios para as células da pele.” (NUNES, 2018). Esse processo permite que se assuma a cor do ambiente em questão de segundos ou minutos. A explicação científica para esse processo é colocada por Jamie Condliffe no portal Gizmodo:

[Há] uma fina camada de nanocristais deformáveis na pele do animal, que o permite mudar de cor. [...] Esses cristais ficam relativamente bem distribuídos dentro da matriz celular, e à medida que se aproximam ou se afastam, eles refletem a luz em comprimentos de onda diferentes. [...] os camaleões [também] podem alterar o espaçamento entre os cristais, e por isso mudam de cor diante de nossos olhos.

O camaleão: o que ele representa?

Feita a apresentação biológica do Camaleão, pretendemos organizar alguns aspectos simbólicos e mitológicos que pairam em torno de sua figura com o objetivo de apresentar outro tipo de conhecimento acerca do animal, saindo do estudo científico e adentrando o imaginário popular oral.

Baseando-se provavelmente em sua habilidade especial de mudança de cor, o camaleão enquanto símbolo denota mudança, flexibilidade, capacidade de adaptação e evolução pessoal. Na linguagem coloquial a palavra camaleão é utilizada de modo pejorativo, para referir-se a pessoas que trocam frequentemente de humor, personalidade e opinião, ou seja, pessoas volúveis; mas, a palavra também pode ganhar aspecto positivo, quando dirigida a atores, significando sua boa capacidade de interpretar diferentes personagens.

Segundo o Dicionário de Símbolos (CHEVALIER, 2007), uma lenda do Povo Fula ¹ atribui ao Camaleão sete propriedades que se baseiam

¹Os fulas, cuja origem apresenta algumas dúvidas, é um povo com 80% de pastores nômades, com um pequeno grupo de sedentários, localizados em distintos países do Sahel, do Chade até o Senegal. Adotam diferentes nomes: sokoto, macina, kano-bororro. Etnicamente são diferentes de outros povos africanos; são de pele mais clara e nariz mais reto. Aliam-se aos negros sedentários, de cuja mescla com os sereres originaram os tucolores, os futandés e os toronkes, importantes grupos do vale do Senegal. Seu auge político foi nos séculos XVIII e XIX, quando conquistaram importantes territórios. Seus primeiros contatos com o islamismo tiveram lugar no século XVI, como os de outros grupos do Sahel. No século XIX se converteram ao islamismo na totalidade da população.

(FONTE: http://www.pmibrasil.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=58:fulas&catid=25:religioislamica).

prioritariamente na sua constituição morfológica para explanar sobre características humanas, em outras palavras, buscando explicações no animal para qualidades de seu e de outros povos:

-Ele muda de cor à vontade: no sentido diurno, isso significa ser sociável, cheio de tato, capaz de estabelecer uma relação agradável seja com quem for; é ser capaz de adaptar-se a todas as circunstâncias, de adotar os costumes de qualquer meio ambiente. No sentido noturno, é ser hipócrita, versátil, mutável ao sabor dos interesses sórdidos e dos acordos inconfessáveis; significa, também, falta de originalidade e de personalidade. É viver como cortesão (bajulador) no vestibulo dos poderosos;

-ele tem o ventre estufado por uma língua comprida e viscosa, o que lhe permite não ter necessidade de se precipitar sobre sua presa, pois agarra-a a distância; quando não consegue pegar a presa, resta-lhe o recurso de recolher a língua para dentro do papo: avidez cuidadosamente dissimulada; palavra persuasiva que tira ao interlocutor todo meio de resistência; arte de livrar-se de qualquer impasse; engano com palavra melífluas; faculdades de mentir e se acobertar-se longamente numa embocada para melhor surpreender;

-não apoia as partes no chão, a não ser uma depois da outra, sem jamais se apressar; precavido, o (homem) prudente jamais entra temerariamente num negócio, mas pesa a situação e os riscos sem qualquer espírito de aventura ou de generosidade; explora os lugares e verifica tudo antes de dar o primeiro passo, antes de opinar em de tomar uma decisão;

-a fim de esquadrihar as redondezas, o camaleão nunca de vira; inclina ligeiramente a cabeça e rola o olho, revirando-o em todos os sentidos dentro da órbita: observador dissimulado e desconfiado, que não se deixa influenciar, mas que recolhe todas as informações;

-tem o corpo lateralmente comprimido: pessoa suscetível, mas que evita incomodar e estorvar;

-tem o dorso ornado por uma crista: no sentido diurno, preocupação de se precaver das surpresas; no noturno, fatuidade de vaidoso;

-possui uma calda preênsil (com a faculdade de agarrar): hipócrita e covarde, apodera-se do bem de outrem disfarçado, por trás; armadilha montada com o objetivo de se apoderar de um bem, de modo imprevisível. (HAMK, p.56 apud CHEVALIER, 2007, p. 170-171).

Nos mitos de algumas culturas, como a do povo pigmeu², o camaleão é relacionado com a criação do mundo, acreditando ser ele um dos primeiros seres vivos da terra:

Um dia, o camaleão escutou no tronco de uma árvore um murmúrio e um ruído confuso. Ele rachou a árvore e uma grande onda escorreu de dentro dela. A onda espalhou-se e dividiu-se sobre a terra. Era a

² Os pigmeus são um grupo étnico caracterizado pela baixa estatura da população (inferior a 1,50 metro). Eles vivem, principalmente, na região das florestas da África Equatorial. Há também grupos de pigmeus que vivem na Ásia (Índia principalmente) e na Oceania. Além da baixa estatura, os pigmeus se caracterizam por possuir pele de cor escura (negra) e cabelos encaracolados. (FONTE: <https://www.suapesquisa.com/pesquisa/pigmeus.htm>)

primeira água do mundo. Junto da água, saiu o primeiro casal humano, uma mulher chamada Otu (Sangue) e um adolescente chamado Mupe... O primeiro filho deles foi o pai da raça pigmeia e o segundo o pai da raça negra... A árvore (em questão) é a mãe de todas as árvores. De seu fruto, que o camaleão fez crescer, saíram novas espécies às quais o camaleão deu nome. (CHAVALIER, 2007, p. 170).

O camaleão também é associado ao arco-íris, por conta de sua coloração mutável; e por sua habilidade de mudar de cor, ter o andar lento e capacidade de capturar vítimas à distância, é tido em algumas culturas como portador de magia e feitiçaria; em contrapartida, ele é utilizado em outras tradições para fins medicinais (o camaleão morto, seco e triturado servido em sopas) sendo associado com cura de enfermidades e a fertilidade.

Em algumas localidades, ele é tido como um atributo de deuses e é utilizado pelas divindades como mensageiro na sua comunicação com os homens subindo ao topo das árvores e estando associado também ao trovão, que pode invocar se alguém lhe fizer mal e ao sol, sendo o animal a mediação que permite que a estrela entre em contato com os homens; os crentes do mito que cruzam com animal em seus caminhos, nunca o matam e tiram-no do caminho por precaução e medo de maldições. (CHAVALIER, 2007, 170) e (INFOPÉDIA, 2018).

Outras tradições culturais associam o camaleão à culpa pela mortalidade humana:

[O camaleão] teria surgido quando a Terra ainda não se havia libertado por completo das Águas primordiais, e porque teria aprendido a andar na lama é que ele teria adquirido essa maneira de caminhar, lenta e aparentemente preguiçosa que contribuiu para provocar a aparição da Morte. Efetivamente, o camaleão fora encarregado por Uculunculu (demiurgo e primeiro homem) de dizer que os homens não morrem. Mas ele demorou muito e, zangado, Uculunculu mandou o **lagarto** com a palavra de morte e este chegou primeiro (MYTF, p.233 apud CHAVALIER, 2007, p. 170).

Por fim, vale salientar que a nomenclatura do animal (pelo menos em alguns países do ocidente) tem sua raiz etimológica grega sendo uma composição de *chamai/kamai* que significa terra/chão; com *leon* que é leão. Logo, camaleão quer dizer leão da terra.

O camaleão: uma metáfora ou por uma escrita-camaleão

Um neologismo:
O verbo *Camaleonear*.
Eu *camaleoneo*;
Você *camaleoneas*;
Ele *camaleonea*;
Nós *camaleoneamos*;
Vocês *camaleoneais*;
Eles *camaleoneam*

Após tais explanações acerca do Camaleão, gostaria de pensar nele enquanto imagem ou metáfora para uma escrita cênica: Quais lições ou contribuições o camaleão pode oferecer ao ato de escrever para a cena? Qual a importância de escrever “camaleonamente”? Como essa relação pode reverberar nas dramaturgias contemporâneas?

Para fins de melhor compreensão, devemos entender a metáfora do seguinte modo: o texto escrito se assemelha ao camaleão; e o escrevedor (a), entendendo-o como o sujeito que define o andamento do texto, seria a consciência/pensamento do camaleão.

Uma escritura nunca será o nascimento de algo novo, pois ela é processo sócio-histórico de uma série de teorias e práticas que o escrevedor apreende e coloca de modo consciente ou intuitivo em seus textos, assim é possível perceber resquícios dos antepassados em escritos atuais. Tal como o camaleão que é produto da evolução dos animais e guarda, por exemplo, características do dinossauro que também era réptil e foi extinto a milhares de anos.

O camaleão como ser irracional não possui uma consciência lógica como os humanos, eles vivem e traçam caminhos para se alimentar, acasalar e procriar, em outras palavras, eles seguem o instinto de sobrevivência de sua espécie. Assim, deve ser o escrevedor (a), aquele que sente o impulso do texto permitindo-o viver quase de modo independente, ou seja, sem pré-julgamentos ou censuras prévias no fluxo da escrita. Tal como o camaleão, o texto também segue um instinto que lhe permite sobreviver e é preciso dar liberdade para andar, correr, parar, enfim, se movimentar.

Escrever para a cena é partir para o desconhecido, tal como um camaleão que do conforto de uma copa da árvore, solitário e longe de espécies, parte para um caminho incerto objetivando algo, seja alimentar-se ou até acasalar; o animal sem perceber reage ao ambiente naturalmente com a mutação de sua cor; os fatores como esclarecido acima, podem ser vários, mas a lição que aprendemos é que, involuntariamente, ele transforma-se para conseguir o que almeja, seja a comida ou o coito.

Assim entendo que deve ser a escrita, um ato de partida, no qual a escritura/camaleão parte de um lugar com objetivos (*Exemplo*: pretende-se escrever sobre determinado assunto; propõe-se debater sobre aquilo...); e sem que se defina um ponto final a escrita naturalmente toma trajetos desconhecidos, involuntariamente ela modifica sua forma/cor, tornando-se um material singular com os objetivos materializados.

Outra característica do camaleão é o par de olhos saltados para a parte externa da cabeça que consegue se mover de modo independente um do outro, isso permite ao animal visão panorâmica do ambiente mesmo estando parado e um ataque silencioso a suas presas. O texto também precisa estar atento ao ambiente, no caso, a temática que se propõe a discutir, pois assegurando diferentes informações, ele será capaz de atingir o objetivo (seja comunicar, discutir, etc.) de modo econômico (sem precisar alongar a escrita), isso oferece mais possibilidades de entrelaçamento de informações dentro da escrita e naturalmente atingir o ouvinte de modo “ágil e silencioso”.

Camaleões não possuem temperatura corporal constante (são chamados de “sangue frio”), logo, para sobreviverem desenvolveram algumas estratégias, como: transitar entre o sol e a sombra para se aquecerem ou se esfriarem e em regiões frias costumam hibernar. Os textos de teatro também não devem ter “clima estável”, eles necessitam variar entre polaridades opostas (por exemplo: tempo rítmico rápido e lento; intensidade mais e menos dramática, etc.) e as vezes hibernar, no caso, utilizar da economia de energia (silêncio, poucas ações, etc.) ou quebras de ideias e afins.

Como dito anteriormente, camaleões tem um habitat natural, mas ainda assim são encontrados em diferentes regiões do globo e até em residências

como animal doméstico. Desse modo, percebemos que para sobreviver o animal precisou adaptar-se a diferentes condições espaciais. Uma escritura cênica para conseguir ter uma vida longa deve ter um corpo escrito maleável, podendo assim acessar diferentes tempo, lugares e ouvintes. Porém, como o próprio bicho que tem uma vida útil, um texto também deve ter a sua; a sociedade se transforma, as problemáticas dela se alteram e uma determinada temática pode ter um tempo de vida específico.

Além de ser um animal vivo, o camaleão guarda em sua imagem algumas histórias orais que o colocam em posição de mito e símbolo. Essas diferentes oralidades podem apontar diferentes estados e relações em que uma escritura cênica pode estar inserida. Foram as pessoas que colocaram o camaleão em relações “fantásticas”, como são os ouvintes que colocam os textos movimento, reinventam-no e nele se baseiam para criar outras histórias.

Outra relação ainda não foi feita, talvez pela impossibilidade de uma resposta imediata: o camaleão como ser vertebrado possui uma coluna que o sustenta e lhe permite movimentações. Mas, e um texto para a cena? Precisa de uma estrutura que lhe dê base? Por muito tempo acreditou-se que determinados elementos seriam obrigatórios dentro de uma escritura, tais diretrizes seriam uma espécie de coluna que daria sustentação a escrita. Uma escritura devia seguir uma organicidade temporal cronológica, ser escrita num mesmo espaço e com ação contínua; os diálogos deviam obedecer uma lógica de pergunta-resposta; o texto devia conter uma fábula que contasse o périplo de um personagem que cometeria uma falha e a partir dela seria castigado para causar uma lição no leitor dessa escrita.

Mas, e hoje quais seriam as “vértebras” dessa escritura? Seriam elas necessárias?

Apontamentos finais

Considero-me um autor camaleonesco e como tal, julgo-me adaptável. Talvez essa relação de adaptação seja a mais relevante dessa metáfora, visto que foi partindo dela que encontro o Camaleão como esse ser mutável que pra

sobreviver desenvolveu essa habilidade de coloração. Mas, afinal, para que serve esta adaptação?

Entendo que ela se faz necessária quando se pensa na adequação de textos ou até de cenas para contextos diferentes dos planejados, sem essa transformação o diálogo entre a cena e o ouvinte se distancia. Como exemplo, cito a peça *Hamlet* de William Shakespeare, ela foi concebida na Inglaterra do século XVI, num contexto sócio-político específico, tendo em seu corpo personagem e diálogos que provavelmente são relevantes para uma determinada parcela da sociedade inglesa da época. Logo, como apresentar esta peça, com tudo isso que acabo de dizer, por exemplo, na periferia de João Pessoa na Paraíba? Ou no perímetro indígena de Rio Tinto também Paraíba?

A resposta que encontro é simples: Será preciso uma mutação na forma, uma adaptação, uma “recoloração”, um ato camaleonesco no texto em questão para que aquela parcela da região seja contemplada com a cena. Isso se aplica para todo e qualquer texto que guarde em si relações específicas de seu tempo, sua região e seu público. Ou ocorre essa mutação ou corre-se o risco do diálogo entre as partes não fluir.

Faço então um manifesto, um apelo aos novos escrevedores para escreverem textos capazes de se adaptar, não ofereço fórmulas porque não as tenho, mas provo inclusive a mim, que se escreva pensando no ideal do camaleão possibilitando a escritura de ser lido e apresentado em diferentes contextos e sempre apresentando algo novo, tal como a cor do camaleão que sempre se transforma.

E talvez com esse poder de maleabilidade, nós artistas, poderemos nos comunicar através da arte com diferentes instancias e parcelas da sociedade; poderemos assim atravessar e afetar pessoas com a nossa arte e sendo ela transformável, será ela capaz de dialogar com todos.

Pensem assim numa escrita-camaleão!

Referências

ARAGUAIA, Mariana. **Camaleão (Família Chamaeleonidae)**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/animais/camaleao.htm>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Editado por: Jean Chavalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbaut ... [et al]; coordenação Carlos Sussekind; tradução: Vera da Costa e Silva ... [et al]. 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CONDLIFFE, Jamie. **Cientistas enfim descobrem como camaleões mudam de cor**. Gizmodo Brasil. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/camaleao-muda-cor/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

INFOPÉDIA. **Camaleão (Mitologia)**. Infopédia – Dicionários Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$camaleao-\(mitologia\)](https://www.infopedia.pt/$camaleao-(mitologia)). Acesso em: 02 jul. 2018.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. Editado por Manfred Lurker; tradução Mario Krauss, Vera Barkow. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOURA, Lucas. **Bomba**: os camaleões não mudam de cor apenas para se camuflar. Diário de Biologia. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2016/08/bomba-os-camaleoes-nao-mudam-de-cor-apenas-para-se-camuflar/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

NUNES, Teresa. **Como o camaleão consegue mudar de cor?** Ponto Biologia. Disponível em: <http://pontobiologia.com.br/como-o-camaleao-consegue-mudar-de-cor/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

VASCONCELOS, Yuri. **Como o camaleão consegue mudar de cor?** Mundo Estranho. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/como-o-camaleao-consegue-mudar-de-cor/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

WEBB, Jonathan. **Cientistas desvendam segredo da mudança de cor dos camaleões**. BBC. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150311-cor_camaleoes_pai. Acesso em: 01 jul. 2018.

WIKIPÉDIA. Chamäleons. Wikipédia. Disponível em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Cham%C3%A4leons>. Acesso em: 02 jul. 2018.